

O NIILISMO E A VACUIDADE DA VIDA SEGUNDO NIETZSCHE

CEZAR BRAGA STURBA
Mestrando em Filosofia
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Por ser tratada tardiamente no pensamento de Nietzsche a questão do niilismo foi investigada pelo filósofo com a prudência da maturidade. Por isso, Nietzsche toma grande fôlego e procura abarcar as multifacetadas manifestações e os mais diversos disfarces do niilismo na cultura. Portanto, nosso artigo se propõe a investigar o homem a fim de flagrá-lo até mesmo em momentos mais enfermos: tentando se safar de seu *horror vacui*, inventando ideais ascéticos e fortalecendo a *vontade de nada*. Como o homem lida com seu complexo de “brinquedo do absurdo” vivendo uma vida sem sentido? O que o hodierno lhe reserva já que seus imemoriais ídolos transcendentais desabaram? Examinaremos a condição humana segundo Nietzsche e os caminhos para seu pensamento afirmativo, para além do vazio e do niilismo, mas sem antes atravessar o campo de batalha que o homem se tornou com suas lacunas e seu íntimo vazio existencial.

Palavras-chave: niilismo; sentido; *horror vacui*; ideais ascéticos; vontade de verdade; vontade de nada.

Abstract: *By be treated late in Nietzsche's thought the question of nihilism was investigated by the philosopher with the prudence of the maturity. Therefore, Nietzsche takes great breath and looks for embrace the multifaceted manifestations and the most varied disguises of nihilism in culture. So, our article aims to investigate the man in order to catch him even in the sickest moments: trying to get away with his horror vacui, inventing ascetic ideals and strengthening the will to nothingness. How the man deals with his complex of "toy of the absurd" living a meaningless life? What nowadays holds to him since his immemorial transcendent idols have collapsed? We will examine the human condition according to Nietzsche and the paths for his affirmative thought, in addition to the emptiness and nihilism, but not before crossing the battlefield that man has become with his gaps and his intimate existential emptiness.*

Keywords: *nihilism; meaning; horror vacui; ascetic ideals; will to truth; will to nothingness.*

" *Der Nihilismus steht vor der Thür: woher kommt uns dieser unheimlichste aller Gäste?*"¹

Uma concepção de niilismo não se revela em qualquer leitura no *corpus* nietzschiano. Além de se tratar de um termo amplo e controverso ele apenas subjaz o pensamento do autor em determinadas épocas de sua produção. A exemplo de suas primeiras publicações onde Nietzsche apenas margeia uma noção de niilismo que é apresentado com acentuado tratamento cético e certo caráter romântico pessimista. Foi somente no início da década mais prolífera de sua produção intelectual² que ele começou uma investigação mais pormenorizada sobre o tema.

Nesta apresentação, depois de conhecer como o termo 'niilismo' chegou a Nietzsche, nossa atenção enfoca-se em duas questões: como o niilismo se situa em sua obra? Qual sua relação com o espanto do homem frente uma vida sem sentido? Por mais desprezioso que seja nosso artigo pretendemos norteá-lo com as possíveis respostas a estas perguntas.

Uma breve contextualização sobre as origens do termo

O termo "*niilismo*" surge nos idos de 1789 em meio às ruas incendiadas de uma França em plena revolução. Tais revoltas políticas, no seio das massas, iriam transfigurar de forma indelével a malha social do ocidente. Aqueles que não se interessavam ou os apáticos a todos aqueles *temps de changement* eram chamados de *nihiliste*, adjetivo que os marcavam como "os indiferentes", "os apáticos". Logo, a palavra fora adotada na filosofia por F.H. Jacobi que censurava o idealismo de Fichte por ser um niilismo³. Já nos primórdios do século XIX fora empregado nas lutas sociais russas principalmente pelos anarquistas para, assim, chegar à literatura daquele país. Os russos também ligavam o termo à ideia de indiferença e pusilanimidade, principalmente no que concerne aos vícios de uma cidadania subserviente. Os niilistas eram indivíduos que permaneciam impassíveis apesar de estarem inseridos numa ordem político-social esgotada que, para ser transformada, clamava por alguma atitude enérgica de seus integrantes.

¹ *Fragmentos Póstumos*, NF-1885,2[127] - Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org>>.

² Cf. ARALDI, Clademir. Niilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a Filosofia dos Extremos. Ed. Discurso Editorial, São Paulo: 2004. P. 42

³ Cf. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. Nietzsche sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia, Ed. Unifesp, São Paulo: 2011 – p. 121

Os biógrafos apresentam fortes indícios que o termo chegou a Nietzsche por duas principais fontes, não por acaso das duas nacionalidades já citadas: os russos pelo viés da literatura e um grande amigo francês. Nietzsche teve um primeiro contato com o niilismo nas obras de Dostoiévski e de Turguéiev por volta de 1877. As personagens das obras “justificavam” sua falta de participação política e seu pessimismo através da manifestação de forte sentimento de descrença e criticidade em relação ao meio em que viviam.

Posteriormente, o assunto era tratado no ensaio, de forma marcante para Nietzsche, do colega Paul Bourget: *Essais de Psychologie* de 1883 no qual o autor discorre sobre o poeta Charles Baudelaire e suas crises de 'náusea' em relação ao mundo. Bourget concluiu que a causa do niilismo do poema francês advinha de uma relação de desproporção psicológica; um desequilíbrio entre novas necessidades de um novo homem com as insuficiências culturais da realidade em seu tempo⁴.

Nietzsche se identificou com a 'busca pela cura do niilismo' de Bourget, no entanto, em seu pensamento tal *missão* ganha ares de uma grande saga e estatuto de questão fundamental quando o filósofo aponta o niilismo como “o perigo dos perigos”, adversário da própria vida:

Nada é mais perigoso que um objeto de desejo contrário à essência da vida. A conclusão niilista (a crença no não-valor) consequência da avaliação moral: — perdemos o gosto do egoísmo (embora reconheçamos que não existe ato não-egoísta); perdemos o gosto da necessidade (embora reconheçamos a impossibilidade do livre-arbítrio e da “liberdade inteligível”). Compreendemos que não alcançamos a esfera onde colocamos os nossos valores — mas, por este fato, a outra esfera, aquela onde vivemos, nada ganhou em valor: ao contrário, estamos fatigados, porque perdemos nosso estímulo principal. “Em vão, até agora!”. (NIETZSCHE, *A vontade de poder*, p.5)⁵

O perigo, segundo Nietzsche, está desmedidamente impregnado nas camadas da cultura e a tentativa de abarcar suas multifacetadas aparições está registrada nas notas mais tardias de sua obra⁶. Esta abordagem diferenciada ao problema indica, já de saída, uma superação às explicações circunstanciais precedentes como de Bourget que coloca o niilismo como um mal de raízes tão curtas que não passam nem de seu próprio tempo.

⁴ Cf. ARALDI, 2004, p. 57

⁵ Citado de acordo com a configuração em Portable document format de Thiago Henrique Abrahão - Disponível em: <<http://minhateca.com.br/Amaro/Documentos/filosofia/NIETZSCHE/a-vontade-de-poder,18787922.pdf>>

⁶ A maior parte dos escritos explicitamente sobre niilismo está nos fragmentos póstumos do filósofo. Tudo indica que, como era de seu feitio, ele reuniria futuramente tais anotações em uma obra. Não saber como seria a ordem desses escritos, quais fragmentos seriam selecionados, corrigidos, aprofundados, ‘desaprofundados’ ou, até mesmo, descartados, dificultam e podem trazer muitos problemas para as pesquisas sobre o assunto.

Nietzsche nos fala de um mal muito mais aniquilador, que *se instala de várias maneiras*, que participa com muito mais intimidade da natureza humana e espreita sua sombra desde tempos imemoriais. Uma potência tal de negação que corroí não só os costumes, mas a própria vida:

um ruído mau e ameaçador que vem de longe, como se em alguma parte um novo explosivo fosse experimentado, uma dinamite do espírito, uma niilina russa [*ein Russisches Nihilin*] recém-descoberta, um pessimismo *bonae voluntatis*, **que não apenas diz ‘não’, quer ‘não’, mas – que horrível pensamento! – faz o ‘não’**. (NIETZSCHE, 2013, p.99, grifo nosso)

Então, diferente de um pessimismo trivial ou de uma maneira fortuita de negar o mundo, o niilismo é mais do que um negar, mas um *querer* a negação: “o niilismo é compreendido como um modo próprio, específico de dissolução das forças e dos instintos vitais [...] o processo niilista de declínio traz a luz um novo impulso dominante: a vontade de nada”⁷.

Esse desejo é um traço bem mais alarmante que uma mera náusea individual, pois quando surge uma vontade de ‘nada’ passam a haver impulsos que disseminarão esta vontade. Como os tentáculos do niilismo estão por toda parte e suas raízes penetraram fundo na cultura, resta sabermos de suas diversas formas de aparição. Não por menos, tamanha empresa do *hóspede sinistro* que se fez necessário pensá-lo de maneira muito mais abrangente. Então de onde viria este *unheimlichste Gäste* em nós?

Grandes cisões podem ter sido um marco inicial para o niilismo, tanto a cisão do homem com seu mundo circundante natural ou quando um único mundo foi dividido em dois.

Na primeira cisão, o homem primitivo despertava na alvorada da civilização sob o imperativo de uma nova ordem: à regularidade da paz e costumes que garantiam a coesão dos nascentes grupos sociais, muitas vezes, em detrimento das volições individuais. Sua inocente agressividade e crueldade não poderiam mais ser exteriorizadas e este animal passa a investir contra si próprio na mais íntima das guerras, pois “todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro”⁸. Assim, o homem passa caminhar sobre a Terra de maneira diversa daquela dos outros animais e de seu próprio caminhar de outrora.

Na segunda e mais tardia cisão Nietzsche chama a atenção para a invenção do Ser e o consequente dualismo com o Devir originada pelos eleatas e radicalizada por Sócrates e Platão. O homem passa a crer na existência de outro mundo, eternamente imutável, perfeito, “morada” da *causa sui* provedora de toda existência. Por conseguinte, tudo o que se refere a seu

⁷ ARALDI, 2004, p. 95

⁸ NIETZSCHE, F. Genealogia da moral. Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2013. – II, §16, p. 67

único mundo do aqui-agora passa a ser desvalorizado, desde o mundo mesmo, tudo que o nele está fixado e tudo que o capta, como os sentidos. No capítulo “Como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula”, na obra *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche discorre sobre esta cisão enquanto sentido existencial: “*O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (para o pecador que faz penitência)*”⁹.

Ora, tão logo a existência passou a ter um sentido a própria vida passou a ser norteadada por preceitos morais cujos valores partem do julgamento de algo que não é a própria vida; viver passa a ser a prática de uma interpretação de determinado conjunto de ideais. Não precisamos nos afligir em analisar e compreender tal interpretação para saber se ela é ou não um perigo; o simples fato *de passar a existir* uma interpretação *já é perigo em si*.

Ao constatar que o niilismo é a consequência da desvalorização dos valores morais, metafísicos e religiosos da tradição ocidental, Nietzsche afirma que a raiz comum desse fenômeno [...] está na interpretação moral da existência e do mundo. (ARALDI, 2004, pag.63)

Neste solo fértil o niilismo pôde instalar-se, gerar frutos e estender-se pelos mais diversos âmbitos da vida. É na denúncia de equivocadas cisões e na crítica à moral que Nietzsche traz à luz uma forma de aparição da negação de tudo e sob esta nascente deve se demorar nossa investigação.

Horror vacui e Ideais Ascéticos: um véu sob o vazio

Coloquemos algumas questões para Nietzsche: por que precisamos criar uma interpretação para a existência? Por que a falta de um sentido aflige tanto o espírito humano? Nosso filósofo entende a ausência de sentido como uma das principais condições humanas de sofrer. Segundo Nietzsche, não existe uma finalidade intencional nem sentido tanto para a vida, natureza ou para o homem: “O niilismo, como estado psicológico terá de se declarar primeiro quando procurarmos em todo acontecimento **um ‘sentido’ que não há aí**: assim, quem procura **perde finalmente o ânimo**.”¹⁰. Da mesma maneira, o filósofo alemão descredencia os esforços da razão no que compete a sua capacidade em falar de verdades

⁹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2006, p. 31 (grifo nosso)

¹⁰ NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro: 2008. P. 31 (grifo nosso)

absolutas: “não existe *nenhuma verdade*; não há nenhuma propriedade absoluta das coisas, nenhuma ‘coisa em si’. – *Isso mesmo é um niilismo, e deveras o mais extremo.*”¹¹

Assim, em *Genealogia da moral* o pensador nos fala de uma disposição, um modo de ser da vontade humana através de um afeto de horrorizar-se com toda e qualquer ausência de sentido. Um horror ao vazio de uma ausência de justificação ou significação da existência: o *horror vacui* da vontade, isto é, uma reação contra a falta do sentido que tanto carecemos. Este é o cenário em que o homem se sente como um órfão carente. Este órfão, no entanto, inverte a obtenção de guarda e *passa ele a procurar* a adoção de um pai, não o contrário; o pai adotado pelo órfão chama-se “sentido de vida”.

É como se na cultura existisse o entendimento de que o sentido é a força motriz da vida e ela transcorrerá normalmente desde que haja uma indicação de direção. A justificativa para viver parece sobrelevar a própria vida e isso é uma inversão bastante problemática aos olhos de Nietzsche. As tentativas de aplacar esse *horror vacui* geram encargos que o homem tenta saldar com a própria vida e as tentativas de salvaguardar alguma providência acaba por representar um atentado à vida.

O homem, numa busca desenfreada por um norte, elege o caos circundante como inimigo e, para deixar de sentir-se um brinquedo do absurdo vivendo “em vão”, consegue *momentaneamente* se esquivar da vacuidade imbuindo-se de *ideais ascéticos* que “foram até agora o maior acontecimento na história da alma enferma”¹². Ideal ascético é um outro nome do pai desse órfão abandonado no meio do vazio. Inventar as metas de vida para uma coletividade; forjar um objetivo para toda uma cultura que, a rigor, não possui, é o que tem feito com sucesso esses ideais. Para livrar-se do flagelo da falta de sentido o homem cria uma justificativa para sua existência para que “o sofrimento seja ‘interpretado’ e a monstruosa lacuna que o circunda seja preenchida”¹³.

O desejo de ascese judaico-cristão é um famigerado exemplo de *ambiente fecundo* para aquilo que Nietzsche vai chamar de *vontade de nada* no homem ocidental¹⁴.

A principal doutrina religiosa do ocidente criou uma dívida imemorial do crente com sua divindade redentora¹⁵; quitá-la significa conquistar o prêmio de uma vida eterna num alto paraíso. Para tal, segundo o evangelho, o crente deve tornar sua vontade a vontade desta doutrina cristã, e desejar que “seja feita a vontade” do “Pai nosso”. O devoto dedicará a essa vontade, a esse ideal, todos os seus dias e atos.

¹¹ NIETZSCHE, *idem*, p. 33

¹² NIETZSCHE, 2013, III, §20, p. 129

¹³ NIETZSCHE, 2013, III, §28, p. 139

¹⁴ Nosso foco é, em especial, na ascese cristã, não obstante de o ideal de ascese ser inerente às doutrinas religiosas em geral, como o budismo, o islamismo, etc. Optamos por pensar junto com Nietzsche que se refere, na maioria das vezes, à cultura ocidental ou ao “europeu”.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, 2013, II, §19, p. 72

Os valores cristãos levam à ascese: a doutrina prega a impureza do corpo e renega a *vontade do homem* que passa a ser tratada aviltantemente como “tentações da carne”. Aceitar sem questionamentos e preservar incólume a chamada alma segundo a palavra do evangelho é condição *sine qua non* para o ingresso no paraíso da vida eterna.

Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor ao Pai. Porque tudo que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da riqueza, não vêm do Pai, mas do mundo. (1 João 2:15-16)¹⁶.

Seguindo fielmente estes e outros mandamentos morais o crente obterá a graça da ascensão que o livrará das agruras do finito mundo sensível. Todavia, aqui torna-se manifesto o nó indissolúvel de toda condição ascética: a vida comum é um grande teste prático que será coroado, quiçá, com o merecimento de um viver mais elevado, um viver verdadeiro. Ora, então o grande sentido cristão de viver é não viver¹⁷; a “vida” cristã é uma não-vida cingida e norteadada por todo tipo de ídolo, exceto a própria vida – tudo que vai contra ela envereda certamente ao niilismo.

Então a moral cristã, ressentida com o corpo, aponta uma saída para a vida que, no entanto, leva a sua negação. Eis a consequência que um ideal ascético atinge com maestria: *camuflar* a falta de sentido com o nada. Ele é análogo a uma medicação paliativa: só faz suspender momentaneamente a dor que sempre irá voltar, pois a doença continua em plena operação.

Ideais laicizados

Outro artifício para mascarar a ausência de sentido é a *veracidade* e a vontade de verdade.

Nos primórdios, a razão e a verdade estavam mais próximas de ser um instrumento para simplificação do mundo prático tornando-o “legível” e mais fácil para a vida do homem¹⁸. A explicação sobre o que é o mundo ou a vida encontra, naturalmente, os limites de uma razão “humana, demasiada humana” criando assim uma “verdade” sobre as coisas (a única verdade

¹⁶ A Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulus, São Paulo: 1985. 9ª edição. P. 2284

¹⁷ Cf. NIETZSCHE, F. O anticristo. Trad. Ed. Martin Claret. São Paulo: 2003. P.69

¹⁸ Cf. NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal. Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2013, §24-25, p. 29-30

que há) e muitas falsificações, o que são, entretanto, as imperfeições naturais da aventura humana na existência.

O tom muda agudamente quando passa a haver uma crença desmedida na razão humana que faz com que, por exemplo, meras constatações práticas lógico-rationais, passem, gradualmente, a serem tratadas sob uma nova aura, como *A Verdade*. É sabido que Nietzsche acusa os clássicos Sócrates e Platão de desencadear uma relação de culto da razão com a verdade. Tal relação de superestimação da verdade foi disseminada pela cultura através do cristianismo (na figura de Deus), na filosofia e, conseqüentemente, na ciência.

Por mais de dois mil anos este valor foi criado e sacramentado na cultura seguindo a “fórmula” apresentada por Nietzsche: “a utilidade, o esquecimento, o hábito e, por fim, o erro, tudo servindo de base a uma valoração”¹⁹. Apliquemos tal modelo na noção que erigimos de verdade na cultura ocidental: uma vez que a verdade fora ascendida ao plano das ideias por Platão, “cai no gosto” geral da cultura por ser, em determinada circunstância, *útil* à sociedade. Logo, esquece-se de quem criou ou de como a preposição “a verdade é útil” se tornou válida e rapidamente torna-se um hábito dizer que *toda* verdade é útil. No final chega-se ao erro de afirmar incondicionalmente a verdade a tal ponto de estar acima de tudo e assim ela se torna um valor. Mais um valor criado devido à pertinácia do tempo que repete amiúde tal ciclo na cultura.

Por tanto tempo e de tão disseminado, o culto a verdade tornou-se praticamente um modo de ser do homem ocidental, dando contornos, inclusive, na linguagem desse animal racionalista por excelência. Busca-se a verdade absoluta antes de colocar em questão a capacidade da razão em alcançar algo além do prático. Movem-se pela ambição da posse, pois quem *possui* a verdade tem notoriedade, revela mais uma utilidade ao mundo e/ou estará prometido a um plano superior. Ora, então o contrário da verdade, então toda a inverdade, todo o engano deve ser inexoravelmente evitado. Esta disposição da racionalidade coage o homem a “não querer enganar, nem sequer a si mesmo”²⁰ porque, segundo Nietzsche, o não engano possibilita ao homem agarrar-se a promessa de segurança e fiabilidade contidos no conceito de verdade. Enquanto anunciadora de uma pretensa suma verdade imutável, o valor de verdade passa a ser instância que busca um padrão imóvel frente às vicissitudes obscuras da vida, e assim, agride sua pluralidade.

Quando a verdade passa a ser adorada passa também a ser tida como único meio de encontrar as respostas para as querelas do mundo. O que dá forças a este modo de ser da razão é o fato de ser muito mais fácil e cômodo repetir uma fórmula que se mostrou eficaz para um momento ao invés do risco de lançarmo-nos a criação. Assim, segundo Nietzsche, a verdade

¹⁹ NIETZSCHE, 2013, I, § 2, p. 16

²⁰ NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*. Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2012, §344, p. 209

torna-se um ideal de verdade, e a busca por ela termina num querer a verdade e não na verdade mesma.

Ambiciona-se a verdade por valor e o maior problema dessa verdade a qualquer custo é que nem a vida cobre seu custo. Está contido no "não querer enganar, nem sequer a si mesmo" o dever que move a uma conduta específica. Nietzsche demonstra que o problema da verdade não se resume ao campo da razão, mas passa a ser um problema moral, como consequência, um atentado ao homem e à vida decorrente desse "agir sempre em nome do não engano"²¹.

Uma convicção pressuposta coloca categoricamente o engano como suma desvantagem e um equívoco execrável e faz da verdade uma meta suprema e necessária. Dessa maneira prenuncia-se uma castração que coibirá ações ao homem que participam naturalmente da vida como o erro, o engano, a ilusão, etc. Toda tentativa purista de 'higienizar' o homem e leva-lo somente a um caminho, seja do engano, seja do acerto, só o afasta da vida enquanto *vontade de poder* e o aproxima da doença que convida o "hóspede sinistro" a estabelecer morada no espírito. Esta castração retira da vida seu movimento de abertura, seu natural desdobrar-se para todas as direções de forma perigosamente imprevisível, mas, ainda assim, legítima. Restringir a profusão pluralista da vida a duas ou três saídas é mutilá-la e o resultado deste corpo amputado não pode ser chamado de vida, segundo Nietzsche.

Então, a "verdade" torna-se um *ideal* de verdade, e a busca por ela termina somente num 'querer a verdade' e não *na verdade mesma já* ²². Assim chegamos a uma vontade de verdade.

Nosso filósofo acusa a filosofia tradicional de ser uma vontade de verdade e tal natureza é transmitida, conseqüentemente, à derivação desse saber: a ciência. Assim a crescente mentalidade positivista que tomava a época de Nietzsche revela-se como outro modo de forjar um novo sentido à vida. Desta vez, entretanto, a promessa é calcada num suposto aprimoramento e melhoramento do homem e do mundo que será trazido pela conquista da verdade. A ideia de um irrefreável progresso científico e de que o homem caminha dentro de um constante refinamento é uma forma de 'engessar' o devir na medida em que este ideal sempre descreve o futuro como uma escatologia científicista apoteótica. O projeto da modernidade é apresentado, em arte final, como uma produção de um sonho dourado iluminista e só faz afirmar uma teleologia que apresenta, em forma latente, as perspectivas metafísicas do pensamento cristão de Santo Agostinho, assim como o pensamento de Kant e do positivismo de Auguste Comte.

Este progresso superficial, este progresso de âmbito estritamente material, sem um alcance existencial, que não proporciona o desenvolvimento de fato da saúde humana trata-se

²¹ Cf. NIETZSCHE, *idem*.

²² Cf. NIETZSCHE, 2012, §344, p. 209

de mais uma maneira de *produzir* um destino e tentar evitar um confronto direto do homem com suas lacunas.

Vontade de nada é niilismo

Ora, se os ideais ascéticos são uma ficção inventada pelo homem e estes ideais laicizados são, do mesmo modo, uma fábula construída sobre uma tal verdade que não existe e/ou nunca pode ser alcançada, então tanto um como o outro são a mesma coisa: nada. Desse modo, eles são uma vontade que quer o nada e esta força está posicionada acima da vida.

Eles representam os bastiões onde o homem alicerça, com grande alívio, sua fortaleza contra a falta de sentido, por mais temerária e perecível que este porto seguro possa ser. O homem pode suportar até o nada, exceto uma vida “em vão”: “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer”²³. O homem não foge do sofrer (ele até o procura), mas o que ele não suporta é sofrer em vão, sofrer sem nenhum sentido²⁴. A vontade deve, necessariamente, querer algo, por falta de algo melhor, passa a querer o nada, posto que o nada querer sempre será querer algo.

A modernidade e a Morte de Deus

Espreitando cada passo do homem, o vazio surgirá cada vez que cair por terra um véu de alguma ideologia que o mascara e toda vez que este evento ocorrer o niilismo estará à nossa porta. Nietzsche aponta uma época específica em que o perigo pode reinar ainda mais absoluto: a modernidade. Nela o niilismo se radicaliza e atinge suas formas mais acabadas.

As ciências, praticadas sem nenhuma medida e no mais cego *laissez faire*, estilhaçam-se e dissolvem toda crença firme; as classes cultas e os Estados civilizados são varridos por uma economia monetária grandiosamente desdenhosa. Nunca o mundo foi mais mundo, nunca foi mais pobre em amor e bondade. (NIETZSCHE, Considerações extemporâneas, 1974, pag. 82)

A modernidade tem como características "o desenvolvimento superabundante de formações intermediárias, a atrofia dos tipos, a ruptura com as tradições [...] o

²³ NIETZSCHE, 2013, III, §1, p. 88

²⁴ Cf. NIETZSCHE, idem, § 28, p. 139

enfraquecimento da força da vontade" (XXI, 9(168) - inverno de 1887). Como já citado, no mesmo caminho um conjunto de mentalidades modernas afastam o homem, segundo Nietzsche, do praticar de todo seu poder através de sua vontade para, ao contrário, afirmar as ciências históricas, o progresso como promessa de um devir previsível e a moral altruísta.

Segundo Nietzsche, a própria manutenção constante da democracia como forma de governo abre as portas para a decadência do homem. Com sua propensão a igualar o que nunca foi nem será igual sob o mandamento '*direitos iguais para todos*' (como pontuou Nietzsche na obra "O caso Wagner"), com aspirações a uma tal justiça que castra o forte e, por fim, principalmente, desestabiliza e condena à decadência os impulsos organizadores.

Focado no pensamento nietzschiano, Müller-Lauter nos diz que, em seu cerne, um ideal democrático termina por perturbar a coesão das forças. Toda coesão pressupõe o domínio de um impulso mais competente sobre os demais e este domínio é justamente a força que mantém um grupo de impulsos unidos num bloco único. Se uma moral sujeita os impulsos diferentes à igualdade, o mais forte perde sua força inversamente ao que os outros impulsos subordinados ganham, causando assim um desligamento da associação do todo.²⁵ Este inevitável desabamento das estruturas coesas se traduz no evento da *decadência*²⁶ que seria uma 'antessala' do niilismo, e que trazemos aqui a título de exemplo de consequências da democracia para o espírito, assim como tantos outros desdobramentos da modernidade.

Se ela já não é mazela o bastante, Nietzsche descreve, ainda, um acontecimento em seu núcleo de proporções arrebatadoras no que se refere ao escancarar do niilismo; segundo nosso filósofo "Deus está morto!"²⁷. Mas qual é Sua *causa mortis*? Num primeiro olhar ele foi assassinado e "nós o matamos! Vocês e eu! Somos todos seus assassinos!"²⁸. A cultura moderna descredencia a ideia de Deus na medida em que passa a empregar e a fomentar as respostas da ciência para o mundo. O racionalismo e a ciência passam a ocupar cada vez mais espaço e representatividade em detrimento daqueles saberes que sempre *produziram* para o homem uma solução para a vida ou para o mundo - a metafísica e a religião.

Na esfera político-social, matamos Deus quando ocorre uma gradual separação entre Estado/economia e Igreja bem como o agravamento do contraste entre estas duas instituições. Matamos Deus na medida também em que desacatamos os mandos da autoridade histórica criada por uma tradição judaico-cristã de dois milênios quando não mais consegue ocultar seu lento sucumbir a um escancarado cansaço.

²⁵ Cf. LAUTER, 2001, P. 128

²⁶ Em nome do foco de nosso trabalho teremos que abrir mão de um olhar mais detalhado sobre a ideia de *decadência* que Nietzsche nos apresenta.

²⁷ NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2011. P. 13

²⁸ NIETZSCHE, 2012. P. 137

Com vistas às consequências desse evento, num segundo olhar, se Deus morreu não mais existe a direção específica que tomava toda minha existência. O ideal ascético que guiava todo o empreendimento do meu agir, ou seja, os desígnios de Deus (através de seu arauto, o evangelho) cessam em oferecer uma orientação e o chão foge de meus pés; ou já nem pés eu tenho mais. O que morreu foi *um* sentido da vida no qual, por milênios, valores enveredavam. Desmorona *um* mundo para o qual a vida da cultura ocidental destinava, ou seja, o dualismo entre um mundo sensível e um supra-sensível já que este último deixa de existir²⁹.

Então, afirmar que Deus está morto seria um paralelo a afirmação de que também Platão estivesse morto? Podemos considerar este fato se estivermos nos referindo a um recorte em seu pensamento falando de sua *metafísica*. É uma crise declarada: depois dos empiristas do século XVII, de Kant, agora Nietzsche, com seu martelo, investia contra a metafísica canônica, embora de uma perspectiva diferente de outrora. “Deus existiu, mas agora está morto”³⁰: esta constatação é um evento decisivo da modernidade, pois solapa os pilares que sustentavam por dois milênios o mundo ocidental e lhe regalava seu *τέλος*: a vida eterna num outro mundo. O *religare* se desfaz no mesmo compasso em que a metafísica perde seu trono e os valores da tradição passam a ser encarados com uma suspeita extremada, findando a interpretação moral cristã da existência, não deixando nada em seu lugar, ou seja, deixando um vazio, o niilismo.

Ponderações e ambiguidades sobre a modernidade e o niilismo

A ‘*honestidade*’ *perspectivista* de Nietzsche nos mostra através de seu pensamento seu olhar dinâmico sobre um objeto; de vários ângulos, sob a “influência de um diferenciado sombreamento”, de detalhes discretos do mesmo objeto pode ser captado uma soma de nuances. Quem sabe Nietzsche não tenha presenteado os filósofos com lentes especiais para perceber os objetos de seu ofício com *olhos de artista*? O fato é que se refletirmos mais demoradamente sobre a modernidade e o niilismo flagraremos estas nuances; ponderações bem apontadas por nosso filósofo.

Primeiramente é preciso reforçar que, diferente da filosofia tradicional, nada (ou quase nada) no pensamento nietzschiano se apresenta como afirmações absolutas de mais um arauto da verdade imutável. Ora, o destruidor de ídolos não teria o fetiche sombrio de tornar-se ídolo. No entanto, são estas disposições de nuances em pequenos detalhes que tornam sua filosofia

²⁹ Importante ressaltar que o abandono dos antigos valores transcendentais não ocorre tão abruptamente como uma morte (nesse caso é a de Deus). Há de se admitir um tempo para que a cultura assimile o golpe como mesmo frisou Nietzsche: “Descrevo aquilo que virá: o advento do niilismo. Posso descrevê-lo agora porque agora se produz algo necessário e os sinais desse estão em toda a parte [...] O que estou relatando é a história dos dois próximos séculos.” (NIETZSCHE, 2008, p. 23)

³⁰ DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Ed. Rio, Rio de Janeiro: 1976. P. 71

um campo minado cheio de armadilhas. É o risco de se trabalhar com experimentação já que só ela possibilita a tarefa criativa.

uma filosofia experimental, tal como eu a vivo, antecipa experimentalmente até mesmo as possibilidades do niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, na vontade de não. (NF-1888,16[32] - Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org>>.)

Nietzsche não apresenta uma definição absoluta de niilismo e, por isso, não achamos adequado tratar o termo com a denominação ‘conceito’. Estudiosos de Nietzsche tratam de forma diferenciada as formas como o niilismo se manifesta.

Temos, dentre estas várias manifestações, primeiramente, o *niilismo incompleto* que se apresenta como os esforços do comportamento moderno que, ao reconhecer o vazio de uma vida sem sentido, empenha-se em remediar este sofrimento. No entanto, opta pela construção de um ambiente idealizado com uma promessa futura recompensadora; inventa um sentido como se encobrir a lacuna fosse solução definitiva, não obstante ela continuar lá. Assim, busca-se “suplantar o niilismo sem transvalorar, contudo, os valores (niilistas) que estão em sua gênese”³¹. Nietzsche fala de uma fase obscura (*Unklarheit*) dessa forma de manifestação onde o pessimismo surge com grande representatividade na tentativa de evocar e preservar consolos metafísicos, morais, etc. contra a falta de sentido. Também fala de uma fase de claridade (*Klarheit*) onde, também, a despeito de haver a intenção de apenas mascarar o niilismo, tal manobra é concebida com menos devoção à tradição. Vislumbra-se disfarçar a falta de sentido fazendo uso dos mais efervescentes afãs modernos como a projeção do processo científico, a democracia, a ciência, o positivismo, etc.

Já o *niilismo completo* é o efeito natural do processo³² depois da morte de Deus, uma *experimental* chegada após o transcurso do niilismo incompleto quando o homem vê-se em pé sobre os escombros dos valores que foram estilhaçados e tem a possibilidade de galgar a liberdade de criação de outros novos. Porém, temos mais uma ambiguidade que nos permite falar de um *niilismo ativo* (*der active Nihilism*) onde sublinhamos no espírito a intensificação, o poder e propensão à destruição. Nosso filósofo vê com bons olhos este tipo já que seria capaz de promover a aniquilação dos ídolos e somente com esta aniquilação estaria apto a ultrapassar a moral e o mundo dos valores arruinados. Este homem estaria apto à prática daquilo que mais se aproxima do que Nietzsche chamaria de um “sentido para vida”: criar.

³¹ ARALDI, 2004, p. 112

³² Bem diferente da dialética de Hegel, processo aqui deve ser entendido como jogo de forças sem uma essência organizada por uma finalidade ou uma intencionalidade.

Já o *niilismo passivo* (*der passive Nihilism*), ao contrário, é caracterizado pela pusilanimidade do espírito que se manifesta nos afetos do fraco como compaixão e desprezo pela vida. Aspira ao nada não para negar, mas para *ser* o nada, por isso, Nietzsche descreve tal manifestação como um “budismo europeu”, tomando todos os predicados ascéticos da doutrina oriental.

Assim, também é preciso ponderar e olhar mais de perto para a modernidade. Sim, ela é uma época de crise, mas também de abertura ao questionamento e não somente um poço escuro³³. O outro lado dos ganhos tecnológicos da modernidade é trazer à práxis do dia-a-dia a salubridade das moradias, a estreiteza nacional e organização para as cidades o que favorece a saúde humana findando a um melhor posicionamento da fisiologia sobre a moral, a teologia, etc³⁴. Ainda, principalmente, a modernidade é vista positivamente por Nietzsche como uma época aberta a experimentação, evento bastante incomum na história humana. Não por acaso neste grande laboratório ocorre o mais perigoso e mais rico experimento humano da atualidade, a já citada morte do Pai transcendente.

Considerações finais

Como visto, muitas são as tentativas do animal racional de encobrir o vazio que lhe compõe a natureza e afastar o horror vacui. Tentativas que ora afastam, ora atraem o niilismo.

Mas, não será exatamente isto que o homem deve fazer? Não deve neutralizar a qualquer custo a vacuidade da vida e partir em busca da boa sorte de dias amenos e aprazíveis? Apesar de parecer que a lutar contra a falta de sentido da vida seja um embate óbvio nossos esforços nessa exposição foram apresentar, a luz do pensamento de Nietzsche, outra forma de encarar o problema.

Ter acesso às experimentações da modernidade, da magnitude de uma possibilidade de total disseminação do niilismo, permite ao homem chegar a um ponto extremo no limiar de sua sombra: a superação do niilismo. Concordamos com Sêneca quando ele diz que a parte mais importante do processo de cura é o desejo de ser curado e abrimos uma reflexão: se desejo algo dessa maneira é porque sou ciente, primeiro da doença, em seguida, da vontade de cura.

Assim, entendemos que a filosofia de Nietzsche move-se pela conquista do pensamento afirmativo através da superação do niilismo e isso só é possível promovendo sua radicalização e não encobrir sua existência. Para tal, primeiramente é preciso assumir as consequências da destruição do niilismo; ter consciência da doença para almejar sua cura. Avançar sobre a decadência porque o regresso é impossível já que “a vontade nunca quer para trás”. É preciso

³³ Cf. ARALDI, 2004, p. 67

³⁴ Cf. *Fragmentos Póstumos*, XII, 9 (165) – 1887 - Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org>>.

encarar o niilismo e atravessá-lo sem fugir do *horror vacui* inventando ídolos imaginários com suas formidáveis muletas existenciais. O desenvolvimento destas conclusões fica para uma discussão futura.

Referências bibliográficas:

NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Trad. Marco Sinésio Pereira Fernandes, Ed. Contraponto, Rio de Janeiro: 2008.

_____. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza, Ed. Companhia das Letras, São Paulo: 2013.

_____. **Considerações extemporâneas**. Coleção Os pensadores, Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, Ed. Abril cultural, São Paulo: 1974

_____. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza, Ed. Companhia das Letras, São Paulo: 2012.

_____. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza, Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2013.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza, Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2006.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza, Ed. Cia das Letras, São Paulo: 2011.

_____. **O anticristo**. Trad. Ed. Martin Claret, São Paulo: 2003.

ARALDI, Clademir. **Niilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a Filosofia dos Extremos**. Ed. Discurso Editorial, São Paulo: 2004.

MÜLLER- LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Trad. Clademir Araldi, Ed. Unifesp, São Paulo: 2011

DELEUZE, G. **Nietzsche a e filosofia**. Trad. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Ed. Rio, Rio de Janeiro: 1976.

A Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulus, São Paulo: 1985. 9ª edição.

On line:

<http://www.nietzschsource.org/>